

Kalugueando as fronteiras invisíveis

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

Esta Revista é uma edição especial sobre o Evento Kalunga – Brasilidade: Resistência e Identidades ao ritmo do tambor, que nasceu no ano de 2012, inicialmente, como uma proposta do Movimento Negro do Município de Juara, com o apoio inequívoco da coordenação do Câmpus da Unemat de Juara e do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos e Pesquisas da Diversidade da Amazônia Legal (Leal/CNPq/Unemat). O Kalunga tem sido espaço de divulgação de pesquisas com interface à extensão sobre as relações raciais e indígenas. Este evento envolve diversas instituições educacionais na perspectiva das leis 10.639/03 e 11.645/08, com destaque também ao apoio da Casa de Umbanda Mãe Maria e Grupo Centro Cultural Aruandê Capoeira, que atua fortemente junto às relações étnico-raciais, no sentido de assegurar maior respeito às diferenças e a valorização da diversidade racial e cultural afro-brasileira, abrindo horizontes para reflexões e construção de atitudes antirracistas por meio da educação popular em intercâmbio com as redes de ensino.

O Kalunga tem contribuído para minimizar preconceitos e também para fortalecer o compromisso político de erradicar a discriminação contra os descendentes de africanos e indígenas, promovendo o respeito à diversidade e a valorização desta herança histórica e cultural, além de despertar e reconhecer as diferentes manifestações dos grupos étnicos, religiosos e artísticos, ajudando na construção do espaço social e cultural, de acordo com a sua identidade e com o tom de sua própria dinâmica, estabelecendo o exercício inter e multicultural. Assim, para enriquecer esta edição especial, vários professores de diversas universidades do país enviaram textos para a sua composição.

A professora doutora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira e os professores Valdeson Paula Portela e Luiz Augusto Passos têm sido responsáveis por este lindo trabalho no noroeste de Mato Grosso. Explicam no artigo PERFORMANCES DO CORPO: capoeiras... kalungas... batismo em educação popular. O que significa este movimento Kalunga em um território ainda tão permeado pelo preconceito. Assim, a reflexão do movimento cultural e étnico no âmbito da universidade e que reforça a ideia da nossa brasilidade, as nossas resistências e educação popular. O movimento Kalunga procura unir jovens, adultos, crianças, homens e mulheres da comunidade, das escolas públicas e grupos de matriz afro-brasileira, com

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

3

destaque, a Casa de Umbanda Mãe Maria. O Kalunga, como alusão ao dia da consciência negra tem sido construído pelas redes trançadas, por nós, conosco e os Outros nessa última década, em que nossos corpos se fazem presente em um Câmpus, por si só em conflito na Amazônia. Ali nos entrelaçamos com povos Afro-brasileiros e Ameríndios da Terra Indígena Apiaká-Kayabi.

O professor doutor Jaime José Zitkoski, colaborador do evento Kalunga desde 2013, apresenta a reflexão intitulada: O SENTIDO E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA NO BRASIL: A diversidade cultural em pauta na Universidade. Assim, o texto é resultado de sua arguição na mesa redonda no VI Kalunga, Brasilidade: resistência e identidades ao ritmo do tambor. Reforça que o Kalunga foi criado em 2012 com os parceiros já citados no primeiro parágrafo desta apresentação e pelo Instituto Ilê Axé, em cooperação com o Grupo de Pesquisa LEAL. Tem como foco a disseminação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas escolas, ao longo do ano. O professor destaca que este evento apresenta que o gênero científico é bem representado nas manifestações populares, como espaço de produção de encontros e diálogos decoloniais.

O texto seguinte, da professora doutora Cátia Pereira Duarte, do professor Guilherme Gorette e da professora Maria Manuela Vasconcelos Hasse de Almeida e Silva, intitulado: A DANÇA COM REMANESCENTES DE QUILOMBO NA COLÔNIA DO PAIOL: a seriedade da brincadeira quando nos voltamos para uma educação intercultural. Enriquece o diálogo ao reafirmar a identidade quilombola através de danças afrodescendentes, que valorizam temas cotidianos, seus saberes e seus fazeres, através do olhar da própria comunidade. Na perspectiva de uma educação intercultural é um texto também na perspectiva decolonial.

Na sequência, o professor doutor da Universidade de Genebra, José Marín, traz a reflexão sobre a Decolonialidad del poder no contexto da globalização. É um artigo que dialoga com esta edição especial da Revista Kalunga, através da compreensão histórica sobre o racismo. Sendo necessário um estudo histórico do Eurocentrismo com o Racismo, na medida em que esta dinâmica ajuda a compreender a origem e a permanência do racismo ainda no século XXI. O professor José Marín chama nossa atenção ao dizer que a discriminação racial está mais evidente na atualidade, tanto no Brasil, na América Latina, nos Estados Unidos e na Europa.

As professoras Eliane Almeida de Souza, Roseli da Rosa Pereira e Izabel Espíndola Barbosa trazem a discussão sobre: Políticas de ações afirmativas e seus diálogos com Boaventura de Souza Santos no século XXI. Onde apresentam as principais políticas de ações

afirmativas que permeiam a gestão da universidade pública no Brasil na atualidade, à luz do pensamento do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, que ensina que as universidades no século XXI precisam passar por uma reforma democrática e emancipatória da universidade, bem como sobre a responsabilidade das universidades que tem um importante papel social, tanto na formação como na produção do conhecimento científico. Assim, não basta o acesso, mas políticas que permitam a permanência. Trata-se de um texto decolonial e que aponta a importância de políticas afirmativas.

Na sequência os professores, Eunice Dias de Paula e Luiz Gouvêa de Paula, trazem a reflexão sobre a Memória e saberes indígenas em novas linguagens. O texto apresenta como a elaboração de um livro com Histórias em Quadrinhos pelos docentes possibilitou o afloramento de valores socioculturais, bem como diversos saberes especializados.

A professora Ronélia do Nascimento e professor Doutor Alceu Zoia, ambos professores da Unemat, autores do texto A representação dos conhecimentos cosmológicos nas histórias orais e práticas culturais das crianças Munduruku. O texto apresenta reflexão sobre os saberes étnicos e identitários presentes nas histórias narradas pelas crianças indígenas Munduruku, da aldeia Nova Munduruku, na Terra Indígena Apiaká-Kayabi, no Município de Juara-MT. O texto é um recorte da pesquisa realizada nos anos de 2013 e 2014, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso.

As professoras doutora Maria Ely Genro, Camila Tomazzoni Marcarini e Renata Castro Gusmão apresentam o artigo: Reinventando a universidade democrática na perspectiva do Bem Viver: as vozes das mulheres em movimento, que apresenta resultados de uma experiência desenvolvida no Seminário Configurações da Universidade Brasileira, onde se discute os modelos hegemônicos e as universidades emergentes, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trata-se de problematizar em seminário sobre os atuais ataques à educação pública e a sua constante desqualificação. As autoras trazem, de forma serena, a perspectiva do Bem Viver como uma proposta de resistência e enfrentamento à globalização neoliberal que coloca em colapso o planeta, assim como, os efeitos históricos do capitalismo, do colonialismo, do patriarcado e do racismo.

Logo em seguida, os professores Cristina da Conceição Silva, José Geraldo da Rocha e Thamiris Leite Dorvillê Costa, trazem o artigo: As tias negras cariocas: narrativas das sambistas da velha guarda da Portela. O texto traz a narrativa das sambistas da Velha Guarda da Portela, as “tias negras” que aprenderam sobre as formas de enfrentar o patriarcado e de valorizar as

culturas de matriz africana, tanto em ambiente educacional bancário, como fora dele. As mulheres negras ensinam sobre o matriarcado na vida cotidiana.

Em seguida, as professoras Geny Solange da Luz, Ellen Laura Leite Mungo e a professora doutora Maria das Graças Campos, trazem importante reflexão sobre as Mulheres artesãs ribeirinhas e a dança do siriri na comunidade São Gonçalo Beira-Rio de Cuiabá, MT. Trata-se de um texto importante sobre o fortalecimento da cultura ribeirinha na Comunidade tradicional São Gonçalo. Esta comunidade é uma das mais antigas da capital mato-grossense, que neste ano completou 300 anos. Assim, a comunidade Beira Rio apresenta os traços de uma Cuiabá antiga e que hoje culmina com a expansão desta cultura para além do Brasil. A comunidade levou o Siriri para evento internacional, a dança típica mato-grossense, que há mais de 200 anos reflete o multiculturalismo formado por índios, africanos e europeus e traz o ritmo contagiante embalado pela viola de cocho, o mocho e o ganzá; história da tradição mato-grossense ao mundo.

A professora doutora Eliete Lopes Borges apresenta seu texto: População em situação de rua em Cuiabá. No texto a autora aborda sobre a resistência e auto-organização em Cuiabá, uma comunidade em situação de rua que habitava a Ilha do Bananal, no Centro da Cidade, possuidora de uma auto-organização originada dos *arte-fatos e afetos* que mobilizavam. A pesquisa revelou que, mesmo vivendo sob a égide da vulnerabilidade, a comunidade da Ilha do Bananal conseguia resistir a fenômenos como a pobreza e a violência.

Para finalizar, as professoras Fernanda Furini, Cláudia Battestin e Mario Mejia Huaman apresentam o texto intitulado: Olhar o indígena com deficiência no contexto da educação especial sob a perspectiva da educação inclusiva, que traz a investigação bibliográfica sobre a inclusão de indígenas com deficiência. É imprescindível o ensino decolonial voltado ao respeito às diferenças: cultural, valores étnicos, territoriais, sociais, educacionais e como a inclusão foi acontecendo em nível de educação e educação especial aos indígenas com deficiência. O texto ensina que a educação especial pode ser um espaço de possibilidades, via acolhimento e mediação. Ajuda na inquietação suleadora sobre a cultura e a educação pelas lentes do respeito às diferenças, numa perspectiva decolonial.